

## O MITO DA CAVERNA

### Platão "A República"

Imaginemos homens que vivam numa caverna cuja entrada se abre à luz em toda a sua largura, com um amplo saguão de acesso. Imaginemos que esta caverna seja habitada e seus habitantes tenham as pernas e o pescoço amarrados de tal modo que não possam mudar de posição e tenham de olhar apenas para o fundo da caverna, onde há uma parede.

Imaginemos ainda que, bem em frente da entrada da caverna, exista um pequeno muro da altura de um homem e que, por trás desse muro, se movam homens carregando sobre os ombros estátuas trabalhadas em pedra e madeira, representando os mais diferentes tipos de coisas. Imaginemos também que, por lá, no alto, brilhe o sol. Finalmente, imaginemos que a caverna produza ecos e que os homens que passam atrás do muro estejam falando de modo que suas vozes ecoem no fundo da caverna.

Se fosse assim, certamente os homens da caverna nada poderiam ver além das sombras das pequenas estátuas projetadas no fundo da caverna e ouviriam apenas o eco das vozes. Entretanto, por nunca terem visto outra coisa, eles acreditariam que aquelas sombras, que eram cópias imperfeitas de objetos reais, eram a única e verdadeira realidade e que o eco das vozes seriam o som real das vozes emitidas pelas sombras. Suponhamos agora que um daqueles habitantes consiga se soltar das correntes que o prendem. Com muita dificuldade e sentindo-se frequentemente tonto, ele se voltaria para a luz e começaria a subir até a entrada da caverna. Sentindo-se perdido, ele começaria a se habituar à nova visão com a qual se deparava. Habitando os olhos e os ouvidos, ele veria as estatuetas moverem-se por sobre o muro e, após formular inúmeras hipóteses, por fim compreenderia que elas possuem mais detalhes e são muito mais belas que as sombras que antes via na caverna, e que agora lhe parece algo irreal ou limitado. Suponhamos que alguém o traga para o outro lado do muro. Primeiramente ele ficaria ofuscado e amedrontado pelo excesso de luz; depois, habituando-se, veria as várias coisas em si mesmas e por último veria a própria luz do sol refletida em todas as coisas. Compreenderia, então, que estas e somente estas coisas seriam a realidade e que o sol seria a causa de todas as outras coisas. Mas ele se entristeceria se seus companheiros da caverna ficassem ainda em sua obscura ignorância acerca das causas últimas das coisas. Assim ele, por amor, voltaria à caverna a fim de libertar seus irmãos do jugo da ignorância e dos grilhões que os prendiam. Mas, quando volta, ele é recebido como um louco que não reconhece ou não mais se adapta à realidade que eles pensam ser a verdadeira: a realidade das sombras. E então, eles o desprezariam....

Este mito, extraído do livro VII do diálogo República, onde Sócrates relata a Glauco a idéias de homens vivendo, desde a infância, no interior de uma caverna cuja entrada se abre para a luz em toda a sua largura. As correntes simbolizam os cinco sentidos físicos que aprisionam os homens que, assim, imobilizados, não percebem o mundo à sua volta, tendo uma compreensão limitada da realidade.

A idéia que os acorrentados têm da realidade é constituída apenas de sombras. E, apenas em sombras, estão baseados os seus sistemas de valores. Os ecos das vozes e dos sons emitidos pelos manipuladores das estatuetas seriam o som real emanado das sombras. E apenas o conformismo das sombras os mantém acorrentados. Enquanto isso, lá fora, à entrada da caverna está o sol, o mundo das verdades eternas, ainda proibidas e invisível para eles.

A caverna é um arquétipo do útero materno e figura nos mitos de origem, de renascimento e de iniciação de numerosos povos. Nas tradições gregas, a caverna representa o mundo. Para Platão, esse mundo é um lugar de ignorância, sofrimento e punição. A caverna, com seus espetáculos de sombras ou fantoches representam esse mundo de aparências agitadas, do qual a alma deve sair para contemplar o verdadeiro mundo das idéias. Nas tradições, o Purgatório era localizado em grutas, onde a luz só é percebida através de seu reflexo, e os seres, por suas sombras, à espera da conversão e ascensão da alma para a contemplação direta das idéias.

Irradiar a luz recebida é o dever de quem se libertou das correntes, como fez Jesus, Buda, Pitágoras e vários outros. Pois é necessário ver a luz se quisermos agir com sabedoria. Só a luz revela a verdade e, com a luz revelada, a caverna de Platão passa a significar não aquele mundo de sombras, no qual o homem, iludido, se sentia feliz por ignorar as verdades divinas, mas aquele mundo interior, onde a vontade o faz evoluir na senda, em busca da luz interior.

Esse mito desvenda, entre outras coisas, dois aspectos centrais do pensamento platônico: a verdadeira realidade não é a que nós pensamos ver. Ela está escondida ao comum dos mortais e, para ser percebida, exige uma verdadeira conversão.